Henry David Thoreau

a desobediência civil

estúdios cor

próximo volume:

NA REPÚBLICA DE SANTO ANTONICO

de Romeu de Melo

a desobediência civil

HENRY DAVID THOREAU

a desobediência civil

ESTÚDIOS
COR

capa e arranjo gráfico de MANUEL CORREIA
tradução de JÚLIO - ANTÓNIO SALGUEIRO

a desobediência civil

Aceito, calorosamente, a seguinte divisa: «o melhor governo é o que menos governa», e gostaria de vê-la posta em prática mais rápida e sistemàticamente. Levada às suas últimas consequências, equivale a isto, em que também creio: «O melhor governo é aquele que não governa.» É esta espécie de governo que hão-de ter os homens, quando para tal estiverem preparados. No melhor dos casos, o governo não é mais que uma conveniência; porém, a maioria dos governos, habitualmente, e, eventualmente, todos os governos, são inconvenientes. As objecções levantadas contra a existência dum exército permanente, que são muitas e de peso e merecem prevalecer, podem também ser levantadas, ao fim e ao cabo, contra a existência dum governo permanente. O exército permanente é apenas uma contingência do governo permanente. Mesmo o governo, que

deve ser apenas a forma escolhida pelo povo para a execução da sua vontade, é igualmente susceptível de perversão e de atitudes abusivas, antes de o povo poder actuar, como é de direito, por seu intermédio. Demonstra-o a presente guerra mexicana [1], obra de, relativamente, poucos indivíduos que usaram como instrumento, para os seus desígnios, o exército permanente: porque o povo não teria, em princípio, consentido em tal medida.

O actual governo norte-americano não passa duma tradição, embora recente, procurando transmitir-se inalterada à posteridade, mas perdendo parte da sua integridade em cada instante. Não possui a vitalidade e a força do homem individual, uma vez que este pode submetê-lo à sua vontade. É uma espécie de espingarda de brinquedo, para o próprio povo. Mas nem por isso é menos necessário, visto que o povo precisa de ter sempre esta ou aquela máquina complicada, e de ouvir-lhe o estrépito, para satisfação da ideia de governo que alimenta. Os governos demonstram, assim, que é assaz fácil aos homens subirem ao poder, ou

[1] Guerra travada em 1846 entre os Estados Unidos e o México.

aí serem colocados, para seu próprio benefício. Concedamos que é excelente. Contudo, este governo jamais favoreceu de moto próprio qualquer empresa, a não ser quando se retirou do seu caminho. O Estado não mantém o país livre. Não povoa o Oeste. Não educa. O temperamento próprio do povo americano fez tudo o que tem sido feito. E mais faria se o governo, por vezes, não lho impedisse. O governo é um expediente pelo qual os homens conseguem a sua tranquilidade: não se incomodam mùtuamente, o que equivale a viverem sós. E, como já foi dito, quanto mais conveniente for um governo mais sós deixará os seus governados. O tráfico e o comércio, se não fossem tão elásticos, não chegariam a poder saltar os obstáculos colocados contìnuamente no seu caminho pelos legisladores; e se tais homens fossem julgados apenas pelos efeitos dos seus actos e não, parcialmente, como acontece, pelas suas intenções, mereceriam ser classificados e punidos ao nível dos indivíduos prejudiciais que colocam obstáculos nas ferrovias.

Porém, falando pràticamente e como cidadão que nada tem que ver com os que se dizem contra o governo, eu peço,

antes de mais, não a ausência dum governo, mas um governo melhor. Deixe-se que cada homem faça saber qual o tipo de governo que lhe mereceria respeito, e será esse o primeiro passo para a sua obtenção.

Apesar de tudo, a verdadeira razão pela qual se permite o governo de uma maioria por um longo período não é a de que tal maioria possa estar mais certa, nem porque isso pareça satisfatório para a minoria, mas porque a maioria é fìsicamente mais forte. No entanto, um governo em que a maioria governe em todos os casos não pode ser fundamentado na justiça, pelo menos naquilo que os homens entendem por tal. Não poderá, então, existir um governo no qual não sejam as maiorias a decidir virtualmente tudo o que está certo ou errado, mas sim a consciência? No qual as maiorias decidam apenas as questões às quais deva aplicar-se a regra de conveniência? Deverá o cidadão, um simples momento que seja, abdicar da sua consciência em favor do legislador? Nesse caso, porque têm todos os homens uma consciência? Penso que devemos em primeiro lugar ser homens, e só depois poderemos ser súbditos. Não é desejável que cultivemos

pela lei o mesmo respeito que pelo direito. A única obrigação que me cabe assumir é fazer, em qualquer altura, aquilo que julgo ser certo. Tem sido dito, e com acerto, que uma corporação não tem consciência; porém, uma corporação de homens conscienciosos é uma corporação *com* consciência. A lei nunca tornou os homens mais justos, fosse no que fosse, mas por causa do seu respeito à lei mesmo os bem intencionados se vêem diàriamente convertidos em agentes da injustiça. Um resultado natural e comum do indevido respeito pela lei é ver-se uma coluna de soldados — coronel, capitão, cabos, praças de pré, etc. — marchando em boa ordem para a guerra, por morros e vales, contra as suas vontades, contra o seu bom-senso e as suas consciências, o que decerto dificulta a marcha e oprime o coração. Todos sabem estar metidos num negócio odioso; todos têm inclinações pacíficas. Pois bem: que são eles? Homens de verdade? Ou pequenos fortes e paióis ao serviço de algum homem inescrupuloso no poder? Visitai o Estaleiro Naval e contemplai um fuzileiro, o tipo de homem que um governo como o norte-americano pode fazer, como se o governo fosse um repositório de bruxarias — ape-

nas uma sombra, uma vaga reminiscência de humanidade, um homem ainda vivo e de pé e já, pode dizer-se, sepultado em armas com acompanhamentos fúnebres. Talvez, no entanto, suceda que:

«Nenhum tambor se ouviu, nem uma nota fú-
[nebre,
Quando até ao túmulo o seu corpo levámos;
Nenhum soldado deu uma salva de adeus
Sobre a tumba do herói que sepultámos.»

A maioria dos homens é deste modo que serve o Estado: não como homens autênticos mas como máquinas, com os seus corpos. São o exército permanente, a milícia, os carcereiros, polícias, *posse comitatus*[2], etc.

Na maioria dos casos não há livre exercício quer do raciocínio, quer do senso moral; colocam-se ao nível da árvore, da terra e das pedras; e talvez possam manufacturar-se homens de madeira que sirvam os mesmos fins de modo igualmente satisfatório. Estes homens não merecem mais respeito que espantalhos ou pedaços de lama. Têm valor equiva-

[2] Faculdade concedida aos juízes de paz e aos xerifes para o recrutamento de auxiliares civis.

lente aos cães e aos cavalos. E, no entanto, homens desse estofo chegam a ser tidos por bons cidadãos. Outros, como a maior parte dos legisladores, políticos, advogados, ministros e funcionários públicos — servem o Estado principalmente com a cabeça; e como raramente fazem quaisquer distinções morais, poderão, de igual modo e *na melhor das intenções*, servir tanto a Deus como ao Diabo. Muito poucos, como os heróis, patriotas, mártires, reformadores no mais alto sentido, homens, enfim, servem o Estado com as suas consciências também, e, por isso, resistem-lhe necessàriamente, na maior parte dos casos. E regra geral são tratados por ele como inimigos. Um homem sensato apenas aceitará ser útil como homem, jamais se conformará com o papel de «argila». Tão-pouco há-de aceitar «servir de remendo para tapar um buraco», ou, quando muito, deixará tal tarefa para as suas cinzas:

«Eu nasci bem de mais para ser propriedade,
Para ter no comando um posto secundário
Ou servir de criado e instrumento
A qualquer estado soberano deste mundo.»

Aquele que se dá inteiramente aos seus semelhantes pode parecer-lhes inútil e

egoísta; mas o que apenas se dá em parte passa por benfeitor e filantropo.

Qual a atitude que deve assumir um homem perante o actual governo norte-americano? Respondo que não poderá, sem desonra, aliar-se a ele. Não posso, nem por um momento, reconhecer como *meu* governo uma estrutura política responsável por um governo de *escravos*.

É próprio de todos os homens reconhecerem o direito à revolução; isto é: o direito de recusar obediência e resistir ao governo, quando a sua tirania ou a sua ineficiência se mostrem por de mais intoleráveis. Mas a maioria sustenta que, neste momento, não é esse o caso. Foi-o, acreditam, na revolução de 75[3]. Se alguém me disser que este é um mau governo porque lança impostos sobre certas comodidades produzidas no estrangeiro que chegam aos nossos portos, provàvelmente nada direi sobre isso, visto que posso dispensar qualquer delas. Todas as máquinas têm o seu atrito; e é possível que se encontrem na máquina bons aspectos que compensem os maus. De qualquer modo é inútil converter isso em

[3] Início da luta pela independência dos Estados Unidos.

causa de agitação. Mas quando o atrito chega a dominar a máquina e a opressão e o roubo são organizados, afirmo que não devemos suportar tal máquina. Por outras palavras, quando um sexto da população duma nação que assumiu o compromisso de ser o refúgio da liberdade é constituído por escravos, e um país inteiro é injustamente invadido e conquistado por um exército estrangeiro e obrigado às leis militares, penso que não é extemporâneo que os homens honestos se rebelem e promovam uma revolução. O que torna tal dever ainda mais urgente é o facto de esse país invadido não ser o nosso, mas ser nosso o exército invasor.

Paley[4], autoridade reconhecida por muitos em questões morais, no capítulo consagrado ao «Dever de Submissão Civil», consigna toda a obrigação civil à conveniência; e prossegue, dizendo que «enquanto o interesse da sociedade o exigir, isto é, enquanto não for possível resistir ao governo estabelecido, ou mudá-lo, é vontade de Deus que tal governo

[4] William Paley (1743-1805), teólogo inglês, autor da obra *Princípios de Filosofia Moral e Política*.

seja obedecido, e não mais... Uma vez estabelecido este princípio, a justiça de cada caso particular de resistência reduz--se ao cômputo da quantidade de perigo e agravo, respeitante a uma das partes, e da probabilidade e custo da reparação, quanto à outra». Disto, diz ele, cada homem deverá ajuizar por si próprio. Mas Paley parece nunca ter levado em conta os casos a que não se aplica a regra de conveniência: quando todo um povo, tanto quanto um indivíduo, devem fazer justiça, custe o que custar. Se, injustamente, retirei a um homem prestes a afogar-se a tábua de salvação, devo devolver-lha, ainda que me afogue. Segundo Paley, isto seria inconveniente. Mas o que pretender salvar a sua vida num caso destes, perdê-la-á. O povo norte-americano deve deixar de ter escravos e de fazer guerra ao México, conquanto isso lhe custe a sua existência como povo.

Na prática, as nações concordam com Paley; e, no entanto, alguém concordará que Massachusetts faz precisamente o que devia, na presente crise?

«Uma rameira de ofício que, vestida de prata,
Do vestido ergue a cauda e a alma no pó
[arrasta.»

Num sentido prático, os oponentes duma reforma em Massachusetts não são cem mil políticos, como no Sul, mas centenas de milhares de mercadores, comerciantes e fazendeiros, a quem interessam mais o comércio e a agricultura que a Humanidade e que não estão preparados para fazer justiça ao escravo e ao México, *custe o que custar.* Não discuto com adversários afastados mas com os que, mais perto, cooperam com aqueles que estão longe e lhes executam os lances. Sem os primeiros, estes seriam inofensivos. É costume dizer-se que a maioria dos homens não está preparada; mas o progresso é lento porque a minoria não é substancialmente mais sensata ou melhor que a maioria. Não é tão importante que a maioria seja tão boa quanto vós, mas que exista algures a bondade absoluta; porque ela levedará toda a massa. Há milhares de indivíduos que, *por opinião,* se opõem à escravidão e à guerra mas que, efectivamente, nada fazem para lhes por cobro; que tomando-se por filhos de Washington e Franklin ficam sentados, mãos nos bolsos, dizendo não saberem que fazer, e não fazem nada; que chegam mesmo a subordinar o problema da liberdade ao do comércio livre e que, findo

o jantar, lêem tranquilamente as cotações e as últimas notícias do México para, em seguida, adormecerem sobre ambas. Qual o preço dum homem honesto e patriota, nos tempos correntes? Essa gente hesita, deplora, e, por vezes, assina petições. Mas nada fazem séria e eficazmente. Preferem esperar, de ânimo leve, que outros se encarreguem de remediar o mal para que não tenham mais que deplorar. Quando muito, contentam-se em dar um voto fácil ao direito, quando este lhes passa perto, em mostrar-lhe um semblante indistinto e desejar-lhe boa sorte. Há novecentos e noventa e nove patronos da virtude, para cada homem virtuoso. Mas é mais fácil tratar com verdadeiros donos que com guardiães temporários.

Qualquer votação é uma espécie de jogo, como o jogo das damas e o gamão, com um vago matiz moral: joga-se com o bem e com o mal e fazem-se, naturalmente, apostas. O carácter dos que votam não entra em jogo. Dou o meu voto ao que julgo ser o direito, mas não estou fundamentalmente preocupado com o triunfo desse direito. Concordo que se deixe o problema ao critério da maioria. Logo, a obrigação desta nunca excede a da conveniência. Votar *em prol do direito*

não é *fazer* o que quer que seja por ele. Um homem sensato não deixa o direito à mercê do acaso. Não quer que o direito triunfe pelo poder da maioria. Há pouca virtude na acção das multidões. Quando a maioria votar, enfim, pela abolição da escravatura, será porque lhe é já indiferente a escravidão, ou porque sobrou muito pouco dela para ser abolida pelo voto. Então, os votantes serão os únicos escravos. A abolição da escravatura será conseguida apenas por aquele que afirme através desse voto a sua própria liberdade.

Ouço falar duma convenção a efectuar-se em Baltimore, ou noutro local, para escolha de um candidato à Presidência; convenção composta, na sua maior parte, por directores de jornais e políticos profissionais. Que significará, para qualquer homem independente, inteligente e respeitável, a decisão que venham a tomar? Não poderemos ter, pelo menos, os benefícios da sua honestidade e sabedoria? Não poderemos contar com votos independentes? Não haverá no país tantos indivíduos que não assistem a convenções? Mas não: assim solicitado, o homem respeitável abandona imediatamente a sua posição e desespera do seu

país, quando este é que teria razão para desesperar dele. Irreflectidamente, ele adopta um dos candidatos escolhidos por esse processo como o único *possível*, provando, assim, a sua própria *disponibilidade* a favor de desígnios demagógicos. O seu voto não vale mais que o de qualquer estranho pouco escrupuloso, ou qualquer mercenário eventualmente comprado. Oh!, para um verdadeiro homem que tenha nas costas coluna vertebral! As nossas estatísticas são confusas: é excessiva a estimativa da população. Quantos homens existem, neste país, por cada mil milhas quadradas? Quando muito, um. Será que os Estados Unidos nada têm que incentive a fixação de imigrantes que queiram aqui estabelecer-se? O Norte-Americano reduziu-se a uma figura singular — reconhecível pela sua capacidade gregária, por uma óbvia carência de intelecto e alegre confiança em si próprio. A sua primeira e maior preocupação, quando chega ao mundo, é verificar se os asilos de pobres estão em bom estado de conservação; e mesmo antes de ter legalmente adquirido uma aparência viril, recolher fundos para amparo das viúvas e dos órfãos. Em suma, arrisca-se a viver com os olhos postos na

ajuda da Companhia de Seguros Mútuos, que se comprometeu a fazer-lhe um enterro decente.

Ninguém tem o dever de remediar qualquer mal, por maior que seja. É justo que outras preocupações o solicitem. Mas tem como dever mínimo ignorar esse mal e não lhe dar qualquer espécie de apoio. Seja ao que for que me dedico, não devo fazê-lo sentado sobre as costas de outrem. Devo, em primeiro lugar, apear-me para que ele possa também fazê-lo. Vejam a contradição que se é obrigado a tolerar: ouvi alguns dos meus conterrâneos fazerem esta afirmação: «Se me mandassem reprimir uma insurreição de escravos ou seguir para o México, verias se eu ia.» Mas os mesmos, ou porque directamente sujeitos ou, indirectamente, pelo seu dinheiro, fornecem-se a si próprios substitutos. O soldado que se recusa a servir numa guerra injusta é aplaudido por aqueles que não desdenham sustentar o governo injusto que a desencadeou; é louvado por aqueles que despreza, e a cujos actos e autoridade não dá nenhum valor, como se o Estado fosse um pecador que acabasse por contratar alguém para o flagelar enquanto pecava, mas sem nunca chegar a deixar de pecar um

só momento. Assim, em nome da Ordem e do Governo, todos são levados a prestar homenagem e apoio à sua própria baixeza. À vergonha do pecado sucede a indiferença; e esta passa de imoral a amoral e, de algum modo, necessária ao tipo de vida que fazemos.

O erro precisa, para subsistir, de tanto maior virtude quanto maior ele for. E as pessoas nobres são as que mais pròvàvelmente incorrem na branda censura que não raro acompanha a virtude do patriotismo. Os partidários mais conscientes de qualquer governo são os que, ainda que em desacordo com o seu carácter e as medidas por ele tomadas, lhe prestam obediência e apoio, tornando-se, por isso, o mais sério obstáculo à reforma. Há quem dirija petições ao Estado para que a União seja dissolvida e se não levem em conta as solicitações do Presidente. Mas porque não dissolvem, nesse caso, a união entre eles próprios e o Estado, recusando-se a pagar ao tesouro a sua contribuição? Não serão para o Estado o que este é para a União? E que razões impediram o Estado de resistir à União, senão as mesmas que os levam a não resistir ao Estado?

Como pode alguém ter uma só opinião

e deleitar-se com *ela?* A opressão proporcionará algum deleite? Se vos roubam um dólar não vos contentais em saber que fostes roubado, ou em dizê-lo ou, ainda, em pedir ao ladrão que vos restitua a importância, mas tomais, acto contínuo, as providências necessárias para que ela vos seja integralmente devolvida, e para não voltardes a ser roubados. A acção que tem por base um princípio — o entendimento e execução do que é justo — altera as coisas e as relações; é fundamentalmente revolucionária e nada tem que ver com o que antes existia. Não só divide Estados e igrejas mas também famílias e o próprio *indivíduo,* nele separando o diabólico do divino.

Existem leis injustas: devemos simplesmente obedecer-lhes ou tentar corrigi-las? Mais: obedecer-lhes até à possibilidade de êxito ou transgredi-las imediatamente? Em governos como o nosso pensa-se, regra geral, que é necessário esperar até ao momento em que a maioria tenha sido persuadida a alterá-las. Que a resistência tornaria o remédio pior que o mal. Mas o próprio governo é o culpado de o remédio *ser* pior que o mal. É *ele* que o torna pior, por falta de aptidão para antecipar e aplicar reformas. Porque

não trata carinhosamente as suas minorias? Porque grita e esbraceja antes de ser ferido? Porque não encoraja os seus cidadãos a manterem-se alerta, a apontarem-lhe os erros e a procederem de modo mais sábio do que lhes foi ordenado? Porque continua a crucificar Cristo, a excomungar Copérnico e Lutero e a declarar Washington e Franklin rebeldes?

É-se levado a pensar que a única ofensa alguma vez esperada pelo governo é a propositada e autêntica negação da sua autoridade. Mas, sendo assim, porque não prescreve a sansão específica, adequada e proporcional? Tanto quanto sei, não há lei que limite o período de tempo de clausura dum homem que, não tendo quaisquer propriedades, se tenha recusado a ganhar nove xelins para o Estado, dependendo tal período do arbítrio dos que o fizeram encarcerar. Mas se em seguida ele roubasse ao Estado noventa vezes nove xelins, logo seria posto em liberdade.

É possível que a injustiça faça parte da fricção da máquina governamental. Deixemo-lo. Talvez o tempo amacie a fricção e desgaste a máquina. E se a injustiça tem molas, roldanas, cabos ou manivelas para uso próprio, talvez devamos

acreditar que o remédio é pior que o mal; porém, se tentar obrigar-vos ao papel de agentes da injustiça, então digo-vos: infringi a lei. Deveis fazer das vossas vidas a contrafricção necessária para que a máquina pare. O meu dever é, em qualquer caso, recusar-me a ser um instrumento do mal que condeno.

Quanto aos meios fornecidos pelo Estado para remediar o mal, exigem demasiado tempo e ocupariam toda uma vida. Tenho mais que fazer. Não vim ao mundo para, sobretudo, fazer dele um bom lugar onde viver, mas para viver nele, quer seja bom ou mau. Não se exige a nenhum homem que faça tudo, mas que faça algumas coisas, e não é por não se poder fazer *tudo* que têm de fazer-se *coisas* erradas. Não tenho que dirigir petições ao Governador ou à Legislatura; e que faria eu se a minha petição não fosse atendida? Para tais casos o Estado não prevê qualquer solução porque o mal reside na sua própria Constituição. Isto pode parecer duro, obstinado e hostil, mas ao contrário, é usar de extrema bondade e consideração pelo único espírito que o merece e entende. Tal como todas as mudanças para melhor que convulsionam o corpo, como o nascimento e a morte.

Não hesito em afirmar que os que se apelidam de abolicionistas deveriam primeiramente e de modo efectivo retirar o seu apoio, quer pessoal, quer monetário, ao governo de Massachusetts, em vez de esperarem constituir-se em maioria de um para lhes ser concedido o direito de predominarem. Basta-lhes que Deus esteja do seu lado para que não tenham de esperar por isso. De resto, qualquer homem mais recto que os seus semelhantes passa a constituir uma maioria de um.

Uma vez em cada ano, encontro-me frente a frente com o governo norte-americano, ou com o seu representante, o governo estadual, personificado pelo cobrador de impostos. Só desse modo um homem na minha situação pode encontrá-lo. E a maneira mais simples e mais eficaz, no actual estado de coisas, de exprimir o desagrado em relação a ele é, precisamente nessa altura, negá-lo. O funcionário público cobrador de impostos, meu semelhante, é com quem tenho de me haver, visto que lido com homens e não com pergaminhos, e ele escolheu ser um agente do governo. Poderá ele saber ao certo o que é, e o que faz como funcionário do governo, e até como homem, se não for compelido a decidir

se deve tratar-me como seu semelhante e homem bem intencionado, ou como um doido e um perturbador da ordem; se não for obrigado a tentar vencer essa obstrução à sua urbanidade, sem pensamentos ou palavras menos correctos, de acordo com a sua acção? Estou seguro de que se mil, cem, dez homens que eu pudesse nomear — se apenas dez homens *honestos* — ai, se um homem HONESTO, neste Estado de Massachusetts, *deixando de manter escravos,* resolvesse retirar-se definitivamente dessa sociedade e fosse encarcerado na cadeia do condado por causa disso, ter-se-ia levado a efeito a abolição da escravatura nos Estados Unidos. Não importa a modéstia do começo: o que for bem feito uma vez sê-lo-á sempre. Mas preferimos falar a respeito de tais coisas dizendo que é essa a nossa missão. A reforma tem a seu serviço um grande número de jornais mas nem um só homem. Se o meu estimado próximo, representante do Estado, que consagra os seus dias à resolução do problema dos direitos do homem na Câmara do Conselho, ameaçado com as prisões de Carolina assumisse voluntàriamente a situação de prisioneiro de Massachusetts, este Estado que está sempre ansioso por

transferir para o seu irmão o pecado da escravidão — conquanto, presentemente, não possa descobrir mais que um acto de inospitalidade como justificação para uma disputa com ele —, a Legislatura não abandonaria por completo o problema, no Inverno seguinte.

Num governo que injustamente mande encarcerar seja quem for, o lugar de um homem justo é precisamente a prisão. Hoje, o único lugar que Massachusetts oferece aos seus espíritos mais livres e menos desesperados são as suas prisões, onde eles se verão expulsos do Estado, por este, depois de dele se terem expulsado a si próprios, por causa dos seus princípios. É lá que o escravo fugitivo, o prisioneiro mexicano sob palavra e o Índio deverão encontrá-los, quando vierem advogar os direitos das suas raças. Nesse lugar à parte, porém mais honroso e livre, onde o Estado encerra os que não estão *com* ele mas *contra* ele: a única casa que, num Estado escravo, um homem pode habitar com honra. Ninguém pense que a sua influência findará aí, que a sua voz não mais incomodará o ouvido do Estado, que esse homem não será, dentro das suas muralhas, como um inimigo. Porque a verdade é mais forte

que o erro, e quem já experimentou a injustiça na sua própria carne é que mais eloquente e eficazmente pode combatê-la. Um voto deve ser integral e não um mero pedaço de papel. Deve ir acompanhado de toda a vossa influência. Uma minoria é fraca enquanto se conforma à maioria. Nessas condições, nem chega a ser uma minoria. É, contudo, irresistível quando se ergue em bloco. O Estado não hesitará entre encarcerar os homens justos ou desistir da guerra e da escravidão. A recusa do pagamento de impostos não inclui violência, não é uma medida sangrenta. Mas pagá-los permitirá ao Estado cometer violências e fazer correr sangue inocente. Eis, pois, a definição duma revolução pacífica, se tal é possível. Se o cobrador de impostos, ou qualquer outro funcionário, me perguntar, como já sucedeu, «Mas que farei?», a minha resposta é só esta: «Se realmente está interessado em fazer algo, peça a demissão.» Quando os vassalos recusarem sujeição e os funcionários se demitirem dos cargos, a revolução está feita. Mas, ainda que seja necessário correr sangue, não é menos que isso o que acontece quando a consciência é ferida. A verdadeira virilidade, a imortalidade do

homem, esvaiem-se por esse ferimento e eu vejo tal sangue correndo agora.

Considerei o encarceramento do ofensor de preferência à apreensão dos seus bens — ainda que ambos sirvam aos mesmos fins — porque os defensores do mais puro dos direitos, que são, por consequência, os mais perigosos para o Estado corrupto, não perdem o seu tempo a acumular propriedades. Comparativamente, o Estado presta poucos serviços a tais homens, e um pequeno imposto pode parecer exorbitante, especialmente se têm de ganhar a vida com o trabalho das suas mãos. A alguém que pudesse viver inteiramente sem dinheiro, o próprio Estado hesitaria em exigir-lhe dinheiro. Porém — e não é meu intuito estabelecer qualquer comparação ditada pela inveja —, o homem rico está sempre vendido à instituição que o torna rico. Para usar termos absolutos, a mais dinheiro corresponde menos virtude: de facto, quando os objectivos humanos são obtidos através do dinheiro, não há grande virtude em consegui-los. O dinheiro cala muitas das perguntas que, de outro modo, teriam de ser respondidas e a questão que resta é o difícil mas supérfluo problema de como gastá-lo.

Assim, o apoio moral é eclipsado e as possibilidades de viver são inversamente proporcionais ao aumento dos chamados «meios». A melhor coisa que um homem, quando rico, pode fazer pela sua cultura, é realizar os planos que arquitectou enquanto pobre. Cristo respondeu aos Herodianos de acordo com a condição deles. «Mostrai-me o dinheiro do tributo», disse-lhes. E um retirou uma moeda do bolso. Usando moedas gravadas com a efígie de César, e visto que tal dinheiro se tornou corrente e é valioso, isto é, *já que sois homens do Estado* e desfrutais com prazer as vantagens do governo de César, devolvei-lhe então um pouco do que lhe pertence, quando ele o exigir. «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.» Os Herodianos não ficaram mais bem informados quanto ao que era de César e ao que era de Deus, e não estavam interessados em sabê-lo.

Quando converso com os mais livres dos meus semelhantes sou forçado a notar que, seja qual for o seu grau de preocupação com a tranquilidade pública, e tenham o que tiverem para dizer a respeito da magnitude e gravidade do problema, o x da questão reside no facto de não poderem dispensar a protecção

do governo existente e de temerem as consequências, sobre os seus haveres e famílias, da desobediência ao mesmo. Por mim, não me agradaria pensar ter dependido alguma vez da protecção do Estado. Porém, o Estado tomará posse dos meus bens e consumi-los-á, vexando-me contìnuamente e aos meus filhos, se eu lhe não reconhecer autoridade quando me apresenta a sua nota de impostos. Um homem fica assim impossibilitado de viver honesta e confortàvelmente, no que respeita às circunstâncias externas. Não vale a pena acumular bens para serem dissipados constantemente, mas apenas alugar ou ocupar algum terreno devoluto, plantar uma pequena horta, e logo consumir os produtos. Devemos aprender a viver connosco e a depender de nós próprios, a estarmos sempre prontos para partir e a não termos muitos negócios. Um homem até na Turquia pode tornar-se rico, se for, em toda a extensão, um bom súbdito do governo turco. Disse Confúcio: «Num Estado governado segundo os princípios da razão, a pobreza e a miséria são objecto de vergonha; se um Estado não for governado segundo os princípios da razão, as riquezas e as honras serão objecto de vergonha.» Não: desde

que eu não pretenda ser alvo da protecção de Massachusetts nalgum longínquo porto meridional onde a minha liberdade se encontre em perigo, e tão-sòmente esteja interessado em cultivar uma propriedade, dentro do seu território, segundo o princípio da iniciativa pacífica, posso à vontade recusar sujeição a Massachusetts, e recusar-lhe o direito à minha vida e ao meu património. É-me de todo mais difícil obedecer ao Estado que incorrer na pena de desobediência. Obedecendo-lhe, sentir-me-ia diminuído.

Há já alguns anos fui procurado pelo Estado a fim de pagar determinada quantia destinada à manutenção dum sacerdote a cujas pregações meu pai assistia, o que não era o meu caso. Recusei o pagamento, embora, infelizmente, um outro tivesse preferido pagar. Eu não percebia porque tinha o mestre-escola de pagar para sustentar o padre e não o inverso: eu era o mestre-escola do Estado; porém, mantido por meio de subscrição voluntária. Por que razão não deveria a escola apresentar a sua conta de impostos ao Estado e à Igreja, para que lhe satisfizessem as necessidades? Entretanto consenti, a pedido dos conselheiros municipais, em fazer, por escrito, a seguinte

declaração: «Faço a todos saber, pela presente, que eu, Henry Thoreau, não desejo ser considerado membro de qualquer congregação jurìdicamente constituída na qual não tenha ingressado.» Entreguei-a depois ao secretário da Câmara Municipal, que ainda a conserva. O Estado, tendo assim tomado conhecimento da minha recusa em ser considerado membro daquela Igreja, não voltou a fazer-me qualquer exigência semelhante, dizendo, no entanto, que tinha de manter-se fiel à presunção da altura. Eu teria discriminado em pormenor todas as congregações a que não pertencia, se conhecesse, então, os respectivos nomes. Mas não consegui saber onde encontrar uma lista das mesmas.

Há seis anos que não pago capitação. E, certa vez, devido a isso fui posto na cadeia por uma noite. Lá, olhando os sólidos muros de pedra, com dois ou três pés de espessura, a porta de madeira e ferro, com a grossura de um pé, e a grade de ferro, que filtrava a luz, não pude impedir-me de ficar impressionado com a loucura daquela instituição, que me tratava como se eu fosse feito apenas de carne, sangue e ossos, destinados a serem encarcerados. Espantei-me de que o Estado não encontrasse melhor uso para mim, que nunca tivesse pensado aproveitar, de algum modo, os meus serviços. Vi que entre mim e os meus concidadãos se erguia um muro mais difícil de escalar ou destruir que aquele de pedra, e que os impedia de virem a ser tão livres quanto eu. De modo nenhum me senti preso. Os muros pareceram-me apenas um enorme desperdício de pedra e cimento. Sentia-me como se tivesse sido eu o único a pagar o meu tributo. Os meus concidadãos não sabiam como tratar-me. Portavam-se como pessoas mal-educadas. Em cada ameaça e em cada cumprimento havia um equívoco, já que pensavam ser o meu maior desejo sair de entre aquelas paredes de pedra. E não me restava mais que sorrir, vendo como fechavam diligentemente a porta sobre os meus pensamentos, que, sem que pudessem impedi-lo, os seguiam até lá fora; e todo o perigo, na verdade, residia *neles*. Resolveram castigar-me o corpo visto não poderem alcançar-me; como crianças que não podendo atingir alguém contra quem tenham rancor lhe maltratam o cão. Vi que o Estado era estúpido, que era tímido como qualquer mulher solitária com os seus talheres de prata,

e que não sabia distinguir entre amigos e detractores. E, assim, perdi o resto de respeito que ainda tinha por ele, e lamentei-o.

O Estado não enfrenta, intencionalmente, a consciência intelectual ou moral de um homem, mas apenas o seu corpo, os seus sentidos. Não está armado de inteligência ou honestidade superiores, mas, sim, de superior força física. Não nasci para ser oprimido. Respirarei conforme me agradar. Vejamos quem é o mais forte. Que poder tem uma multidão? Apenas pode obrigar-me aquele que obedece a uma lei mais alta que eu. Forçam-me a tornar-me igual a eles, mas nunca ouvi dizer que *homens* tenham sido *obrigados* a viver deste ou daquele modo por multidões. Como poderia viver-se tal espécie de vida? Quando encontro um governo que me diz: «O teu dinheiro ou a tua vida», porque hei-de ter pressa em dar-lhe o meu dinheiro? Pode enfrentar um grande dilema e não saber o que fazer: não posso ajudá-lo. Ele deve ajudar-se a si próprio; faça como eu faço. De resto, não sou responsável pelo bom funcionamento da máquina da sociedade; não sou o filho do maquinista. Quando uma bolota e uma castanha caem, lado

a lado, não vejo que uma permaneça inerte para que a outra medre, mas obedecem ambas às suas próprias leis e crescem e florescem o melhor que podem, até que uma chegue, talvez, a eclipsar e destruir a outra. Uma planta morre, se não pode viver de acordo com a sua natureza; o mesmo sucede ao homem.

A noite que passei na prisão foi particularmente interessante e singular. Os prisioneiros, em mangas de camisa, gozavam o ar fresco da noite, conversando à soleira da porta, quando entrei. O carcereiro aproximou-se e disse: «Vamos, rapazes, está na hora de fechar»; e assim eles dispersaram e ouvi o som dos seus passos regressando às celas vazias. O meu companheiro de cela foi-me apresentado pelo carcereiro como «um tipo às direitas e um homem inteligente». Quando a porta foi trancada, mostrou-me onde pendurar o casaco e explicou-me como orientava ali as coisas. As celas eram caiadas uma vez por mês. E, sem dúvida, aquela cela era o mais alvo, mais simplesmente mobilado e bem arejado aposento de toda a cidade. Naturalmente, ele desejou saber donde eu viera e o que me levara ali. Contei-lho e, por minha vez, fiz-lhe idênticas perguntas, presumindo tratar-se

de um homem honesto; e como vai o mundo, acredito que o fosse. «Ora», disse ele, «acusam-me de ter incendiado um celeiro, mas nunca o fiz.» Tanto quanto pude saber, ele dormira, talvez bêbado, num estábulo e ali tinha fumado o seu cachimbo. Desse modo, incendiara o celeiro. Tinha a reputação de ser homem inteligente e encontrava-se preso há cerca de três meses, aguardando julgamento, e tendo que esperar ainda muito mais. No entanto, mostrava-se adaptado e satisfeito, visto que tinha cama e alimentação gratuitas e supunha-se bem tratado.

Ocupava uma das janelas e eu a outra. E vi que se alguém ficasse ali muito tempo, a sua principal ocupação consistiria em olhar pela janela. Em breve li todos os folhetos que por ali existiam, vi todos os lugares por onde antigos prisioneiros se haviam evadido, e outro onde uma grade fora serrada, e ouvi a história de todos os ocupantes daquela cela. Porque descobri que mesmo ali existiam uma história e uma tagarelice que nunca circulavam fora dos muros da prisão. Provàvelmente, tratava-se da única casa da cidade onde se compunham versos mais tarde imprimidos sob a forma de circulares, mas que nunca chegavam a ser publicados. Foram-me apresentados numerosos versos compostos por alguns jovens surpreendidos em tentativa de fuga e que se vingavam cantando-os.

Do meu companheiro de prisão obtive o maior número de informações possível, pois receava não mais tornar a vê-lo. Por fim, indicou-me qual era a minha cama e encarregou-me de apagar a lâmpada.

Ficar ali por uma noite fez-me sentir como se estivesse viajando num país distante que jamais esperara visitar. Pareceu-me nunca antes ter ouvido o som do relógio da cidade quando dava horas, nem os sons nocturnos da vila: porque dormíamos deixando abertas as janelas situadas por detrás das grades. Era como ver a minha cidade natal à luz da Idade Média. O nosso Concord tornava-se um arroio renano, e desfilavam perante mim visões de cavaleiros e castelos. As vozes que eu ouvia, vindas das ruas, eram vozes de velhos burgueses. Eu era, involuntàriamente, espectador e ouvinte de tudo quanto se fazia e se dizia na contígua hospedaria da vila — o que era para mim uma experiência rara e absolutamente desconhecida. Era uma visão mais precisa da minha cidade natal. Eu

estava totalmente no seu íntimo. Antes, nunca lhe vira as instituições, e aquela era uma das suas instituições peculiares, visto tratar-se dum condado. Comecei a compreender o que faziam os seus habitantes.

De manhã, o nosso pequeno almoço foi passado pela vigia da porta em pequenas marmitas de lata, rectangulares, que se encaixavam umas nas outras, contendo uma caneca de chocolate, pão preto e uma colher de ferro. Quando pediram a devolução das vasilhas, eu, bastante novato, devolvi também o pão que sobrara; mas o meu companheiro apoderou-se dele e disse-me que devia conservá-lo para o almoço ou o jantar. Pouco mais tarde deixaram-no sair a fim de trabalhar num campo de feno próximo, o que fazia diàriamente, só regressando à tarde. Assim, disse-me adeus, duvidando que voltasse a ver-me.

Quando saí da prisão — pois alguém, entretanto, pagara o tal imposto — não me apercebi de grandes alterações no dia a dia, como sucederia a alguém que tivesse entrado jovem e saído um velho trôpego e encanecido. E no entanto, a meus olhos, qualquer mudança afectara a cena — a vila, o Estado, o país —, e essa

mudança era maior que qualquer das produzidas pelo tempo. Vi muito mais distintamente o Estado em que vivia. Vi até que ponto as pessoas entre as quais existia mereciam confiança na sua qualidade de vizinhos e amigos; vi que a sua amizade apenas se manifestava nos bons tempos; que não estavam grandemente interessados em proceder correctamente; que formavam uma raça tão diferente da minha, por causa dos seus preconceitos e superstições, quanto diferiam Chineses e Malaios; que não corriam nenhum risco, nem sequer no tocante aos seus bens, em qualquer dos sacrifícios que faziam pela humanidade; que nem sequer eram suficientemente nobres, já que tratavam o ladrão como este os tratara e esperavam, à custa de determinado comportamento exterior, de algumas orações, de caminharem de tempos a tempos por um caminho recto, conquanto inútil, salvar as suas almas. Poderá isto parecer um julgamento demasiado severo dos meus concidadãos. Pois creio que muitos deles nem sequer têm consciência da existência, na sua vila, de uma instituição como a cadeia.

Antigamente, quando um mau pagador saía da prisão, era hábito, na nossa

vila, os seus conhecidos cumprimentaram-no através dos dedos entrecruzados a fim de representarem as grades duma prisão. Os meus vizinhos não me cumprimentaram assim. Mas olharam para mim, e depois uns para os outros, como se eu tivesse regressado duma longa viagem. Fui preso quando me deslocava ao sapateiro para reaver um sapato que mandara consertar. Fui buscá-lo na manhã seguinte, quando me soltaram, e depois de o calçar juntei-me a um grupo de apanhadores de mirto impacientes por se colocarem sob a minha direcção. Meia hora depois — porque o cavalo fora imediatamente atrelado — encontrávamo-nos a meio dum campo de mirto, numa das nossas colinas mais altas, e daí não se via o Estado em parte alguma.

Esta é a história completa das «Minhas Prisões [5]».

Nunca me recusei a pagar o imposto de rodovias porque me sinto tão desejoso de ser bom vizinho quanto mau súbdito. E quanto à manutenção de escolas, cumpro a minha parte educando agora os meus concidadãos. Não é por

[5] Referência irónica ao livro *Le mie prizione* (1832), de Sílvio Pellico.

qualquer item particular que me recuso a pagar a conta de impostos. Simplesmente, pretendo recusar sujeição ao Estado, afastar-me dele e permanecer à parte, de maneira efectiva. Não me interessa conhecer o caminho do meu dólar, ainda que pudesse fazê-lo, até que ele venha a comprar um homem ou uma espingarda com que matar um homem: o dólar é inocente. Mas interessa-me conhecer as consequências da minha sujeição. Com efeito, declaro serenamente guerra ao Estado, à minha maneira, seja qual for o uso que dele venha a fazer, ou as vantagens que dele venha a tirar, como é comum em tais casos.

Se outros pagarem o imposto que me é exigido, pelo facto de simpatizarem com o Estado, não fazem mais que o que fizeram nos seus próprios casos, ou melhor, sancionam a injustiça em maior extensão que a exigida pelo Estado. Se pagam o imposto atendendo a um interesse erróneo pelo tributado, a fim de salvar-lhe os bens ou impedir que vá para a cadeia, fazem-no por não terem compreendido até que ponto deixam os seus sentimentos pessoais interferirem com o bem público.

No momento presente, é esta a minha

posição. Mas não se pode estar permanentemente em guarda, quando se trata dum tal caso, para que a nossa acção não seja impedida pela obstinação ou indevida consideração pelas opiniões alheias. Preocupemo-nos em fazer apenas o que nos diga respeito e seja oportuno.

Penso, por vezes, que as pessoas são apenas ignorantes e não mal-intencionadas; que talvez procedessem melhor se soubessem como fazê-lo. Porque dar aos outros o incómodo de nos tratarem dum modo para o qual se não sentem inclinados? Mas, pensando melhor, acabo por concluir que isso não é razão para que eu proceda como eles, permitindo que outros venham a sofrer dissabores muito maiores e de espécie diferente. Outras vezes digo para mim próprio que quando muitos milhões de homens, sem sentimentos de cólera, sem malevolência, sem qualquer espécie de razões pessoais, exigem de alguém uns poucos xelins apenas, sem qualquer possibilidade — é assim o seu temperamento — de voltarem atrás ou alterarem a sua exigência, e sem que esse alguém possa apelar para quaisquer outros milhões, porque desafiar essa força bruta e esmagadora? Não é de maneira tão obstinada que tendes por hábito resistir ao frio e à fome, aos ventos e às vagas; submeteis-vos, pacientemente, a milhares de necessidades similares. Não colocais a vossa cabeça no fogo. Mas precisamente na medida em que considero aquela força não totalmente bruta mas em parte humana, e sei que tenho relações com esses e outros milhões de homens, e não com coisas simplesmente brutas ou inanimadas, sei também que é possível um apelo, em primeiro lugar e imediatamente, deles ao seu Criador e, em seguida, deles a si próprios. Mas se eu, deliberadamente, colocar a cabeça no fogo, deixa de haver apelo possível ao fogo, ou ao seu Criador, e apenas poderei acusar-me a mim mesmo. Se eu conseguisse acreditar que tenho razões para aceitar os homens como eles são e tratá-los de acordo com isso e não de acordo, em muitos casos, com as minhas exigências e esperanças quanto ao que eles e eu devemos ser, então, como bom muçulmano e fatalista, deveria tentar aceitar as coisas como elas são e dizer que é essa a vontade de Deus. E, acima de tudo, existe uma diferença entre resistir a isto e resistir a uma força puramente bruta ou natural: é que eu posso resistir a isto com algum êxito, mas não posso esperar,

como Orfeu, mudar a natureza das rochas, das árvores e dos animais.

Não desejo discutir com qualquer homem ou nação. Não desejo perder-me em minúcias, fazer distinções subtis, ou considerar-me melhor que os meus semelhantes. Posso antes dizer que procuro conformar-me com as leis do país. Estou, apesar de tudo, disposto a conformar-me com elas. Em tal questão, não tenho razões para suspeitar de mim. E em cada ano, quando surge o cobrador de impostos, encontro-me disposto a rever a posição e os actos dos governos geral e do Estado, e o espírito do povo, a fim de poder descobrir um pretexto para a conformidade:

«Cumpre amar a pátria como aos nossos pais.
E se esquecermos, em qualquer momento,
De honrá-la com o nosso esforço e o nosso amor,
Devemos venerar as afeições, ensinar à alma
O que respeita à consciência e à religião
E não a desejar o poder ou o lucro.»

Creio que o Estado em breve poderá tirar-me das mãos todo este tipo de trabalho, e então não serei melhor patriota que os meus concidadãos. De um ponto de vista inferior a Constituição é muito boa, apesar de todas as suas falhas; a lei

e os tribunais são muitos respeitáveis; mesmo este Estado e o governo norte-americano são, sob vários aspectos, verdadeiramente admiráveis, e devemos por tal sentir-nos gratos, conforme um grande número afirma. Porém, considerados de um plano um pouco superior, são tal como os descrevi. Vistos do ponto mais elevado, quem poderá dizer o que são, ou até se merecem ser olhados, ou ocupar os nossos pensamentos?

Porém, o governo não me interessa muito e acerca dele gastarei o menor número possível de pensamentos. Não há, mesmo neste mundo, muitos momentos em que eu viva subordinado a um governo. Se um homem estiver livre de pensamento, fantasia e imaginação — o que *não lhe* sucederá por muito tempo —, não poderá ser interrompido por governantes ou reformadores insensatos.

Sei que a maioria dos homens pensa de diferente modo; mas aqueles que, por profissão, dedicam as suas vidas ao estudo deste problema e de outros afins, descontentam-me tanto quanto os demais. Os estadistas e os legisladores, por se encontrarem tão completamente dentro da instituição, não podem apreciá-la distintamente e ao nu. Falam duma socie-

dade movediça, mas, fora dela, não encontram nenhum lugar de apoio. Podem até possuir certa experiência e discernimento e não há dúvida que inventaram sistemas engenhosos e mesmo úteis, pelos quais sinceramente lhes agradecemos; mas todo o seu engenho e utilidade se inscrevem em horizontes pouco amplos. Estão sempre prontos a esquecer que o mundo não pode ser governado por astúcias e conveniências. Webster[6] nunca investigou o âmago do governo, pelo que não pôde falar com autoridade a seu respeito. As suas palavras são sábias para legisladores que não pretendem nenhuma reforma essencial no governo existente; mas para pensadores, para os que pretendem legislar para sempre, ele não chega, sequer, a aflorar os problemas. Conheço alguns cujas serenas e acertadas especulações fàcilmente demonstrariam as limitações da mentalidade de Webster e a sua falta de abertura. E contudo as suas afirmações, comparadas com as da maior parte dos reformadores e com a sagacidade e eloquência baratas do comum dos políticos, são ainda as mais sensatas e

[6] Daniel Webster (1782-1852), advogado, estadista e orador norte-americano.

úteis, e damos graças por elas. Comparativamente, ele é sempre vigoroso, original e, acima de tudo, prático. Porém, a sua melhor qualidade não é a sabedoria, mas a prudência. A verdade dos juristas não é a Verdade, é apenas coerência, ou conveniência coerente. A verdade está sempre em harmonia consigo própria e, sobretudo, não conduz a um tipo de justiça que pode estar de acordo com o mal. Webster bem merece o epíteto, que teve, de Defensor da Constituição. Não se lhe podem creditar golpes que não tenham sido meramente defensivos. Não é um condutor: é um seguidor. Os seus condutores são os homens de 87[7]. «Jamais fiz qualquer esforço», diz ele, «e não tenciono nunca fazê-lo; jamais apoiei qualquer movimento tendente a perturbar o acordo original pelo qual os vários Estados ingressaram na União, e não pretendo alguma vez apoiá-lo.» Por outro lado, acerca da sanção dada pela Constituição à escravatura, ele afirma: «Visto que faz parte do acordo original, que permaneça.» Não obstante a sua singular

[7] Referência aos Convencionais que se reuniram em Filadélfia, em 1787, a fim de redigirem a Constituição dos Estados Unidos da América.

penetração e capacidade, ele mostra-se incapaz de isolar um facto do seu contexto meramente político e olhá-lo na sua independência, como compete ao intelectual fazer — como, por exemplo, compete a um homem de hoje, na América, fazer a respeito da escravatura; mas aventura-se a proferir, ou a tal é compelido, afirmações desesperadas como as que seguem, conquanto pretenda falar em termos absolutos e na sua qualidade de particular — e que novo e singular código de deveres sociais daí se pode inferir? «Os governos dos Estados onde exista a escravidão», diz ele, «deverão regulamentá-la tomando em conta, dada a sua responsabilidade perante os constituintes, as leis gerais da propriedade, humanidade e justiça, e também as leis de Deus. As associações formadas por aí, produto dum sentimento humanitário, ou de qualquer outro, nada têm que ver com aquele. Nunca receberam de mim o mínimo encorajamento e nunca o receberão.»

Aqueles que não conhecem fontes mais puras da verdade nem procuraram mais alto as suas origens fundamentam-se, e com acerto, na Bíblia e na Constituição, e bebem-na ali, com reverência e humildade. Mas os que contemplam os lugares

donde ela goteja para este lago ou aquela lagoa, erguem os ombros mais uma vez, e prosseguem a jornada até às suas nascentes.

Nenhum legislador de génio apareceu até hoje nos Estados Unidos. Tais homens são raros na história do mundo. Há milhares de oradores, políticos e homens eloquentes; mas ainda não usou da palavra o orador capaz de resolver as tão debatidas questões do dia a dia. Amamos a eloquência por ela própria, e não por qualquer verdade de que seja portadora, ou qualquer heroísmo que possa inspirar. Os nossos legisladores não aprenderam ainda o valor comparativo, para uma nação, do comércio livre e da liberdade, da união e da rectidão. Não têm génio, nem sequer talento, para as questões relativamente humildes dos impostos e da finança, do comércio, manufacturas e agricultura. Se nos abandonássemos por completo à sábia verbosidade dos legisladores do Congresso, sem as correcções da oportuna experiência e das eficazes reclamações do povo, pouco tempo os Estados Unidos conservariam o seu lugar entre as nações. O Novo Testamento foi escrito há mil e oitocentos anos, embora eu talvez não devesse dizê-lo; mas onde

se encontra o legislador com suficiente sabedoria e talento prático para aproveitar a luz que ele espalha sobre a ciência da legislação?

A autoridade governamental, mesmo aquela a que estou disposto a sujeitar-me — pois de bom grado obedecerei a quem saiba e possa fazer melhor que eu e, em muitas coisas, mesmo a quem não saiba nem possa fazer tão bem —, é ainda uma autoridade impura: para ser estritamente justa, deve ter a sanção e o consentimento dos governados. Não pode ter sobre a minha pessoa e os meus bens qualquer direito, a não ser aquele que lhe concedo. O progresso de uma monarquia absoluta para uma limitada, de uma monarquia limitada para uma democracia, é um progresso em direcção a um verdadeiro respeito pelo indivíduo. Mesmo o filósofo chinês era suficientemente sábio para olhar o indivíduo como base do império. Tal como a conhecemos, será a democracia o último progresso possível em matéria de governo? Não será possível avançar mais um passo no reconhecimento e organização dos direitos do homem? Nenhum Estado será verdadeiramente livre e esclarecido enquanto não reconhecer o indivíduo como o poder

mais alto e independente, no qual têm origem todo o seu próprio poder e autoridade, tratando-o correspondentemente. É-me agradável imaginar um Estado que possa, pelo menos, tratar todos os homens com justiça, e o indivíduo com respeito, como seu próximo; que possa, inclusive, não julgar incompatível com a sua tranquilidade que uns poucos vivam afastados dele, não se intrometendo com ele nem por ele sendo abrangidos, e que simplesmente cumpram todos os seus deveres de seres humanos. Um Estado capaz de produzir tal espécie de fruto, permitindo-lhe cair tão depressa sazonasse, prepararia o caminho para um Estado ainda mais perfeito e glorioso, que também imaginei, mas que não vi ainda em parte alguma.

a vida sem princípio

Não há muito tempo, num salão de conferências, tendo o conferencista escolhido um tema que lhe era estranho, não conseguiu interessar-me tanto quanto podia tê-lo feito. Falou de coisas que não estavam no seu coração a não ser superficialmente e, assim, não havia na conferência nenhuma ideia central ou centralizadora. Preferia que ele se tivesse debruçado sobre uma experiência íntima, à semelhança do que fazem os poetas. Alguém que me perguntou *o que eu pensava* e ficou à espera da minha resposta fez-me o maior dos cumprimentos que tenho recebido. Fico sempre surpreendido e encantado quando tal acontece: o interlocutor pensa em mim de modo invulgar, como se estivesse familiarizado comigo. Regra geral, os homens apenas pretendem de mim saber em quantos acres lhes avalio a terra — pois sou agrimensor — ou, quando

muito, quaisquer eventuais novidades de que seja portador. Nunca procuram o meu âmago: preferem a superfície. Numa dada altura, veio de longe um indivíduo pedir-me que fizesse uma palestra sobre a escravatura. Mas, após ter conversado com ele, descobri que apenas esperava, tal como os seus sequazes, que sete oitavos da conferência fossem deles e apenas um oitavo meu. Declinei o convite. Creio, quando me pedem para fazer conferências em qualquer parte — e tenho disso alguma experiência —, que os ouvintes desejam saber o que *penso* acerca do assunto da conferência, ainda que eu possa ser o maior tolo do país. Não estou ali para dizer coisas meramente agradáveis ou com que a audiência possa concordar; resolvo, assim, dar-lhes algo de mim mesmo. Mandaram chamar-me e comprometeram-se a pagar-me e eu, por meu lado, decido que me terão a mim, ainda que isso os vá aborrecer mais do que alguma vez tenham sido.

Dir-vos-ei assim, já que sois meus leitores, algo semelhante. Como não sou homem de viagens não vos falarei da gente que vive em lugares longínquos, mas da que existe lado a lado, ao pé da porta. E como o tempo é escasso, porei

de parte toda a lisonja conservando toda a crítica.

Vejamos de que modo é vivida a nossa vida.

Este mundo é um lugar de trabalho. Que extraordinária azáfama! Quase toda a noite sou despertado pelo barulho da locomotiva; interrompe-me os sonhos e não há dias de descanso. Mas seria formidável ver os homens entregues ao ócio, uma vez por outra. Não há mais nada além do trabalho, trabalho, trabalho. É-me até difícil adquirir um caderno em branco para registar pensamentos: quase todos são pautados para dólares e centavos. Um irlandês, certa feita, ao ver-me no campo a tomar apontamentos, logo pensou que eu estivesse a calcular os meus honorários. Se um homem tiver ficado, por qualquer facto, aleijado para o resto da vida, a principal razão por que o lamentam é a de ter ficado incapacitado para o trabalho! Penso que nada é mais contrário à poesia, à filosofia, à própria vida, do que esta incessante actividade. Nem mesmo o crime.

Nos arredores da vila, um indivíduo rude e ganancioso vai levantar um muro ao longo da demarcação do seu prado. Os deuses induziram-no a isso para que

se mantivesse afastado de discórdias, e ele quer que eu passe ali três semanas a escavar com ele. Talvez que, em resultado disso, ele venha a ganhar mais dinheiro ainda para o deixar aos seus herdeiros, que hão-de gastá-lo alarvemente. Se eu fizer o que ele pretende, a maioria há-de louvar-me por engenhoso e trabalhador. Porém, se eu resolver dedicar-me a certas ocupações que proporcionam menos dinheiro, embora lucros mais autênticos, talvez venham a apelidar-me de vadio. Mas como prescindo da polícia do trabalho sem sentido para me pôr nos trilhos, e nada vejo de louvável na pretensão daquele fulano, como em muitas iniciativas do nosso governo e de outros, estrangeiros, por muito divertidas que as considerem, prefiro completar a minha educação por outras vias.

Se um homem gasta parte do dia a vaguear pelos bosques, porque gosta deles, correrá o risco de ser considerado mandrião. No entanto, se gastar o dia todo a depredar o mesmo bosque e a esburacar a terra antes do tempo, será tomado por cidadão industrioso e empreendedor. Como se o único interesse duma vila pelos seus bosques fosse deitá-los abaixo.

Muitos homens considerariam insultuoso um emprego que consistisse em atirar pedras por cima de um muro para serem depois devolvidas ao local de origem, a fim de poderem ganhar o seu salário. E, no entanto, muitos há actualmente cujo emprego não é mais meritório do que esse. Por exemplo: certa manhã de Verão, logo após o nascer do Sol, vi um dos meus vizinhos caminhando ao lado da sua parelha de animais, que puxavam uma pedra talhada, suspensa sob o eixo. Envolvia-o um clima de labuta: o seu trabalho principiara, a sua fronte começava a suar. Ele era uma censura a todos os preguiçosos e vadios, quando se detinha à frente dos seus bois e se voltava, floreando o chicote, enquanto eles avançavam até ultrapassá-lo. Cogitei: eis o trabalho para cuja protecção existe o Congresso norte-americano; labor viril e honesto ao longo do dia, o que torna o pão saboroso e mantém a sociedade e que todos os homens respeitam e consagram; eis um membro da sagrada coorte executando um trabalho necessário, apesar de enfadonho. Quase me censurei por olhar a cena de uma janela e não estar também lá fora, executando um labor semelhante. Transcor-

reu o dia e, ao entardecer, passei em frente ao pátio dum outro vizinho que tem muitos criados e gasta estùpidamente muito dinheiro, nada fazendo, no entanto, pelo bem comum. E vi ali a mesma pedra da manhã, colocada ao lado de uma extravagante construção que iria adornar a propriedade daquele Lorde Timothy Dexter[1]. O trabalho do condutor da junta de bois pareceu-me sùbitamente indigno. O Sol existe, creio, para iluminar um esforço mais nobre. Acrescento que o dono da dita propriedade fugiu, mais tarde, ficando em dívida com muita gente da vila. Estabeleceu-se algures, depois de ter passado pelo tribunal, para de novo se tornar benfeitor das artes.

As diversas maneiras de ganhar dinheiro revelam-se, na sua quase totalidade, um completo aviltamento. Ter-se feito alguma coisa pela qual se ganhou dinheiro é ter-se sido, quase sempre, *simplesmente* vadio ou pior. O trabalhador é roubado se não ganha mais que o salário que lhe pagam. Rouba-se até a si próprio. E quem pretenda ganhar a vida como escritor ou conferencista, deve

[1] Excêntrico comerciante norte-americano autor de *A Pickle For The Knowing Ones.*

ser popular, isto é, tem de descer perpendicularmente. Os serviços mais bem pagos pela comunidade são os de execução menos agradável. É-se pago para ser menos que um homem. E o Estado, regra geral, não remunera um sábio de modo mais coerente. Mesmo o poeta laureado preferia não ter de celebrar os sucessos da realeza, é necessário que o comprem com uma pipa de vinho; e outro poeta será talvez desviado da sua obra para medir tal pipa. No que respeita à minha profissão, os que requerem os meus serviços nem sequer pretendem o tipo de levantamentos que me daria prazer executar. Preferiam que eu fizesse um trabalho grosseiro e sem critério. Quando informo que há vários tipos de medições, perguntam-me quase sempre qual a que proporcionará mais terra, e não qual a mais correcta. Em dada altura inventei uma régua para medir lenha empilhada e tentei introduzi-la em Boston; porém, o medidor informou-me não ser do agrado dos vendedores que a lenha fosse medida correctamente. O próprio medidor era já demasiado exacto para eles, pelo que preferiam mandar medir a lenha em Charestown, antes de atravessarem a ponte.

A finalidade de um trabalhador não deveria ser ganhar a vida, «arranjar um bom emprego», mas executar o melhor possível determinada tarefa; mesmo sob o ponto de vista de rentabilidade, seria económico para uma cidade pagar aos seus trabalhadores tão bem que eles sentissem estar trabalhando para fins científicos, ou mesmo morais, e não apenas para fins inferiores, para poderem sobreviver. Não contrateis um homem que trabalhe por amor ao dinheiro, mas por amor ao que faz.

É de notar que existam poucos homens empregados tão a seu gosto que não abandonem a sua ocupação por um pouco de dinheiro ou de fama. Os anúncios pedem jovens *activos*, como se todo o património de um jovem fosse actividade. Todavia, surpreendi-me quando alguém me propôs, a mim, homem maduro, que ingressasse numa das suas empresas, como se eu não tivesse absolutamente nada que fazer ou a minha tivesse sido, até aí, uma perfeita frustração. Cumprimento bastante discutível, se a intenção era cumprimentar-me! Como se ele me tivesse encontrado em pleno oceano, contra o vento, sem rumo, e me propusesse acompanhá-lo! Se o tivesse feito, que pen-

sais que os subscritores diriam? Não, não estou desempregado, por enquanto. Na verdade, quando era moço e vadiava pelo porto da minha vila natal vi um anúncio pedindo marinheiros de primeira classe, e embarquei tão depressa atingi a maioridade.

Não há suborno com que a comunidade possa tentar um homem sensato. Podeis despender o suficiente para escavar um túnel sob uma montanha, mas não o suficiente para comprar um homem que esteja tratando da *sua própria vida.* Quer a comunidade pague ou não por isso, um homem eficiente e de valor faz o que pode. Os ineficientes oferecem a sua ineficácia a quem mais pague, e esperam sempre um contrato. É de supor que raramente sejam desapontados.

Talvez eu preze a minha liberdade além do comum. Sinto que me prendem à sociedade obrigações e liames ainda fragilíssimos e transitórios. Os ligeiros quefazeres, que me proporcionam a subsistência e me permitem ser útil aos meus contemporâneos, constituem, via de regra, um prazer e é raro recordá-los como expressão duma necessidade. Tudo me tem corrido bem até aqui. No entanto, se as minhas carências aumentas-

sem demasiado, o trabalho que me permitiria satisfazê-las tornar-se-ia servidão enfadonha. Vendendo à sociedade, como faz a maioria, as minhas manhãs e as minhas tardes, nada me restaria por que valesse a pena viver. Espero nunca ter de vender o meu direito de primogenitura por um prato de lentilhas. Um homem verdadeiramente empreendedor pode, no entanto, utilizar mal o seu tempo. Dissipar metade da vida com o fito de ganhar a vida, eis o mais fatal dos equívocos. Os grandes empreendimentos sustentam-se a si próprios. O poeta, por exemplo, deve alimentar o corpo com a sua poesia, tal como a plaina a vapor alimenta as suas caldeiras com as aparas que produz. É amando que se deve ganhar a vida. Mas tal como noventa e sete negociantes em cada cem enganam, segundo se diz, também, medida por esse padrão, a vida dos homens é, salvo raras excepções, um engano de que se pode prever com segurança a falência.

Vir ao mundo herdeiro duma fortuna não é nascer, é ser nado-morto. Viver à custa da caridade de amigos ou de pensões do governo é ingressar num asilo de indigentes, sejam quais forem os belos termos com que se designam tais situa-

ções. O devedor pobre que vai à igreja, aos domingos, inventariar os seus proventos conclui naturalmente que a despesa ultrapassou a receita. Na Igreja Católica, sobretudo, os fiéis são julgados, fazem uma confissão completa, e renunciam a tudo pensando recomeçar. Assim os homens se deitam, confortàvelmente, e falam sobre a queda do homem sem fazerem qualquer esforço para erguer-se.

Quanto às relativas exigências feitas à vida pelos homens, as diferenças são importantes: enquanto este visa um êxito medíocre e um tiro curto alcança os seus horizontes, aqueloutro eleva constantemente a sua mira, por pouco que seja, e por mais abjecta e frustrada que tenha sido a sua vida. Eu seria, de preferência, este último — embora possamos dizer, como os Orientais: «A grandeza não procura quem apenas olha para baixo; e os que olham para o alto vão-se tornando pobres.»

Como ganhar a vida; eis um tema sobre o qual pouco ou nada existe escrito digno de ser recordado. Isto é sintomático. Se *ganhar* a vida não for a transformação dum labor simplesmente honesto e honroso em actividade sedutora e magnífica, então a própria vida será

nada. Quase podemos concluir, examinando a literatura, que tal questão jamais perturbou as lucubrações de um indivíduo solitário. Estarão os homens tão descontentes com a sua experiência que preferem silenciar sobre ela? A lição de valor ensinada pelo dinheiro, ensinada com tanto trabalho pelo Criador do Universo, tendemos a esquecê-la definitivamente. Quanto aos meios de subsistência, é extraordinário verificar como os homens de todas as classes se mostram indiferentes a tal respeito — quer os herdem, ganhem ou roubem. Penso que, neste campo, a sociedade nada fez por nós ou desfez mesmo o que havia feito. Prefiro o frio e a fome que a utilização dos meios vulgarmente recomendados e adoptados para evitá-los.

Regra geral, o título de sábio é erradamente aplicado. Como pode um homem que é apenas um pouco mais esperto e intelectualmente subtil que os outros, mas que não sabe viver melhor que eles, ser considerado sábio? Será a sabedoria apenas um trabalho árduo e exaustivo, ou será que ensina, *pelo seu exemplo*, como chegar ao êxito? Poderá existir sabedoria que não seja aplicada à vida? Será ela apenas um monumento de requintada lógica? E terá cabimento indagar se Platão ganhou a vida melhor que os seus contemporâneos ou se, como os outros, sucumbiu às dificuldades? Se pareceu triunfar sobre alguns pela indiferença ou pelo pedantismo, ou se decidiu ser melhor viver à custa da herança de qualquer tia? Os meios que permitem à maioria dos homens subsistir são apenas expedientes de ocasião e constituem fugas a uma ocupação realmente digna — uns porque não sabem encontrá-la, outros porque não estão dispostos a fazê-lo.

A título de exemplo: a corrida para a Califórnia, a atitude assumida a seu respeito por filósofos e profetas, constituem um sintoma deveras alarmante. Chama-se iniciativa à ambição de uns quantos de viverem perseguindo a sorte, conseguindo, por vezes, dirigir outros menos afortunados, sem contribuírem valorativamente para a sociedade! É o mais alto grau de imoralidade em relação ao comércio e aos meios comuns de ganhar a vida. A filosofia, a poesia e a religião de tal tipo de humanidade não chegam a valer sequer um grão de poeira. O porco, que se alimenta fossando e revolvendo o solo, despresaria tal companhia. Se com um simples gesto eu podesse obter toda a

riqueza do mundo, nem *esse* preço estaria disposto a pagar por ela. O próprio Maomé sabia que o mundo não foi criado por divertimento. O que espalha um punhado de moedas para poder gozar o espectáculo da Humanidade disputando-as faz parecer Deus um cavalheiro endinheirado. A rifa do mundo! A permanência, no âmbito da natureza, duma coisa que pode ser jogada. Que mordaz sátira às nossas instituições! Somos forçados a concluir que a Humanidade acabará enforcada numa árvore. Então é apenas isso o que a Bíblia ensina aos homens? Será possível que a última e mais brilhante invenção da raça humana não passe de um aperfeiçoamento do melhor modo de fossar na lama? Será esse o ponto de encontro entre o Ocidente e o Oriente? E será que Deus há-de acabar por nos recompensar ricamente, por colhermos os frutos que jamais semeámos?

Deus proporcionou ao justo o melhor modo de obter comida e roupa, mas o homem vil descobriu o processo, apropriou-se dele e, como o outro, obteve a comida e a roupa necessárias. Trata-se de uma das mais monstruosas falsificações a que o mundo assistiu. Eu não sabia

que o ouro era tão importante para os homens. Vi uma pequena porção dele e sei que é bastante maleável, mas não tanto quanto a inteligência humana. Pode dourar-se com um grama de ouro uma grande superfície, mas muito mais com um grão de sabedoria.

É mais jogador o pesquisador de ouro nos barrancos das montanhas que o batoteiro dos salões de jogo de São Francisco. Não há diferença entre jogar dados ou porcaria: quando ganha o jogador, é sempre a sociedade quem perde. Sejam quais forem as fadigas ou as compensações, o pesquisador de ouro é inimigo do trabalhador honesto. Não é suficientemente importante que tenha sido dura a pesquisa do ouro. Também o trabalho do Diabo é duro. E o caminho de todos os canalhas é, frequentemente, uma árdua jornada. O menos perspicaz dos observadores notará que o trabalho de pesquisar ouro nas minas é uma espécie de lotaria: o ouro assim conseguido não é a mesma coisa que o pagamento dum trabalho honesto. Mas tal observador depressa esquece o que viu, porque apenas viu o facto e não as causas, e ingressa fàcilmente na mesma lotaria.

Depois de ter lido a narração de

Howitt[2] sobre a pesquisa de ouro na Austrália, passei a noite imaginando os inúmeros vales, repletos de arroios, todos esburacados com fétidos poços de dez a cem pés de profundidade e de uns seis de largura, cheios de água e tão próximos quanto possível uns dos outros. É aí que os homens buscam furiosamente a fortuna, sem saberem ao certo onde deverão escavar, sem pensarem que o ouro pode jazer sob o próprio acampamento, cavando por vezes buracos de cento e sessenta pés até alcançarem o veio, ou perdendo-o por uma diferença de um pé, tornados possessos e desrespeitando os direitos do próximo, na sua sede de riqueza. Vales inteiros, que se estendem por uma área de trinta milhas, convertidos de súbito em fossos de mineiros onde os homens chafurdam, metidos na água, sujos de lama, trabalhando dia e noite, até serem dizimados pelas intempéries e pela doença. Depois de ler e, em parte, esquecer tal narrativa, cogitei no que me impediria *a mim* de lavar diàriamente algumas pepitas, mesmo minúsculas. Não poderia eu cavar um poço que fosse ao

[2] Escritor inglês muito popular na sua época (1792-1879).

encontro do ouro que havia em mim e explorar esse filão? *Há* um Ballarat, um Bendigo[3], para vós — que importa que seja uma cloaca? O mais tortuoso dos caminhos, o mais áspero e solitário, eu poderia segui-lo desde que o fizesse com amor e veneração. E sempre que um homem abandone a multidão e siga o seu caminho, desse modo, acabará por encontrar uma encruzilhada na estrada, que aos viajantes comuns há-de parecer sòmente uma fenda no muro. O seu caminho solitário pelas terras será então a real *estrada real.*

Os homens demandam a Califórnia e a Austrália como se pudessem encontrar aí o ouro autêntico; mas, sem o saberem, correm exactamente para o lugar oposto àquele onde ele se encontra. Vão procurando cada vez mais longe do local exacto e são tanto mais infelizes quanto mais se julgam bem sucedidos. É o nosso *próprio* solo que é aurífero. É pelo nosso próprio vale que escorre um arroio nascido nas montanhas de ouro. Não tem ele transportado, desde um tempo que antecede as eras geológicas, as doiradas

[3] Cidades do Estado de Vitória, na Austrália, importantes centros da pesquisa de ouro.

partículas com que formou para nós as pepitas? Apesar disso, e embora pareça estranho, qualquer mineiro pode sair só e explorar o verdadeiro ouro nas desertas solidões que nos circundam, sem que alguém o siga e tente interferir. Ele pode mesmo reivindicar a posse de todo o vale, cultivado ou não, tranquilamente e ao longo de todo o tempo, que ninguém tentará desapossá-lo. Sejam quais forem as ferramentas que use, ninguém as notará. E não tem de sujeitar-se, como em Ballarat, a tão-sòmente doze pés quadrados: pode escavar onde quiser e lavar na sua bateia a imensidão do mundo.

Conta Howitt que um homem que encontrou uma grande pepita que pesava vinte e oito libras, nas escavações de Bendigo, começou por se embriagar, após o que comprou um cavalo e galopou por toda a parte, perguntando a todos se sabiam quem ele era. Informava então que se tratava do «maldito infeliz que tinha encontrado a pepita». Por fim, a grande velocidade, embateu numa árvore e quase estoirou os miolos. Creio, no entanto, que já anteriormente ele havia estoirado os miolos contra a pepita. Howitt acrescenta: «É um homem irremediàvelmente perdido.» Pois bem: é um típico

representante da sua classe. Todos são homens estroinas. Conheço alguns nomes dos lugares onde se pesquisa o ouro: «Planície do Asno», «Barranco da Cabeça de Carneiro», «Barra do Assassino», etc. Tais nomes são reveladores. Vivam onde viverem, com a sua mal adquirida riqueza, continuo a pensar que é sempre na «Planície do Asno» ou na «Barra do Assassino» que vivem.

A nossa última invenção tem sido roubar cemitérios no istmo de Darien, comércio que parece estar apenas no início, visto que, segundo as mais recentes notícias, já passou por segunda leitura na legislatura de Nova Granada um projecto de lei que visa a regulamentar tal tipo de empreendimento, acerca do que escreve um correspondente do *Tribune:* «Na estação da seca, quando o tempo consentir que a região seja convenientemente explorada, outros ricos cemitérios serão, sem dúvida, encontrados.» E adverte os emigrantes para que não cheguem antes de Dezembro; que sigam a rota do istmo de preferência à da Boca del Toro, e não transportem bagagem inútil nem se sobrecarreguem com tendas: um par de cobertores, uma pá, uma picareta e um machado de boa qualidade serão

bastantes. Tal aviso podia perfeitamente ter sido extraído do *Burker's Guide.* E conclui com esta linha de itálico e versalete: «*Se forem bem sucedidos na vossa própria terra, então* FIQUEM POR LÁ.» O que, dito doutro modo, significa: «Se auferis bons lucros roubando cemitérios na vossa terra, não procureis outras.»

Mas para quê a Califórnia como exemplo? Ela não só é filha da Nova Inglaterra, como foi educada na sua escola e na sua igreja.

É notável que haja entre tantos pregadores tão poucos pregadores morais. Os profetas tentam justificar o comportamento humano. Vários reverendos decanos, os *illuminati* da época, dizem-me com um sorriso de simpatia, entre uma inspiração e um estremecimento, que não vale a pena impressionar-me com tais coisas — que procure, antes, sintetizá-las, isto é, que faça delas uma pílula doirada. Os mais respeitáveis conselhos que me deram sobre tais assuntos foram vis e consistiam essencialmente nisto: não se ganha nada em pretender reformar o mundo a esse ponto; não pretenda conhecer a origem da manteiga que põe no pão: sentiria vómitos se a conhecesse — e por aí adiante. Aproveitaria mais a um

homem morrer de fome que perder a inocência na tentativa de impedi-lo. Se o homem, depois de todas as suas experiências, não continuar ingénuo no fundo de si próprio, é porque não passa de um dos anjos demoníacos. À medida que envelhecemos afrouxamos a vigilância, vivemos mais grosseiramente, tornamo-nos menos sóbrios, embotamos os nossos instintos mais subtis. Mas devíamos desafiar o riso dos que são menos afortunados que nós e tornarmo-nos exigentes até ao extremo da razão.

A nossa ciência e a nossa filosofia não contêm, regra geral, qualquer explicação verdadeira e definitiva das coisas. O espírito sectário e intolerante espetou os cascos entre os astros. Basta, para o descobrir, que se discuta o problema de serem os astros habitados ou não. Porque iríamos conspurcar os céus depois de termos conspurcado a terra? A descoberta de que o Dr. Kane[4] era maçon, bem como Sir John Franklin, foi bastante infeliz, mas, mais ainda, a convicção de ter sido essa a causa que levou o primeiro ao encontro do último. Nem uma só revista

[4] Elisha Kent Kane (1820-1857), explorador árctico norte-americano.

popular, neste país, se atreve a tornar público, sem qualquer comentário, o pensamento de uma criança sobre assuntos importantes. Antes disso deve o mesmo ser submetido ao D. D.[5]. Preferia submetê-lo a um chapim.

Quando se assiste a um fenómeno natural, assiste-se ao funeral da Humanidade. Um pouco de reflexão é suficiente para enterrar todo o mundo.

É difícil encontrar um intelectual de mentalidade tão aberta e autênticamente liberal que nos permita pensar em voz alta na sua companhia. A maior parte dos indivíduos com quem se tenta conversar não prosseguem ao tocar-se em qualquer instituição a que pareçam dar crédito — o que é característico de um modo não universal de encarar os factos. Quando aspirais aos céus abertos, colocam entre vós e o céu os seus tectos baixos, com suas estreitas clarabóias. E eu exorto-vos a varrer as vossas teias de aranha, a limpar as vossas vidraças! Contaram-me que em certas salas de conferências foi votada favoràvelmente a exclusão de temas religiosos. Mas como poderei saber em

[5] Abreviatura de Doctor in Divinity (Doutor em Teologia).

que consiste tal religião, e se me aproximo ou distancio dela? Já ao longo de algumas conferências tentei explicar francamente qual a religião que experimentalmente conheço, mas nunca a audiência suspeitou do que eu falava. Foi como se estivesse discursando sobre qualquer fantasia. No entanto, se eu tivesse lido para a audiência as biografias de alguns dos maiores patifes da História, talvez os que me ouviam pensassem ter eu escrito as vidas dos diáconos da sua igreja. As perguntas mais frequentes referem-se ao lugar donde se vem ou para onde se vai. Mas já aconteceu um dos meus ouvintes perguntar a outro: «Ele faz prelecções a favor de quê?» E tal pergunta fez-me tremer da cabeça aos pés.

Falando imparcialmente, devo dizer que os melhores homens que conheço não possuem serenidade, não são um mundo em si próprios. Via de regra, fixam-se em experiências e apenas se obrigam a estudar e evidenciar os efeitos mais subtilmente que o comum das pessoas. Os alicerces das nossas casas são graníticos; os nossos muros feitos de pedra; mas nós próprios não nos fundamos em granito, a mais comum das rochas primitivas. As nossas frontarias estão

podres. Não é facto que imaginamos o homem um ser criado com a mais pura e transcendente verdade? Mas muitas vezes tenho de acusar de frivolidade as minhas melhores amizades, pois não nos ensinamos mùtuamente a grande honestidade e sinceridade que têm as feras, nem a lição de firmeza e solidez que nos dão as rochas. E, de ordinário, a falta é mútua, pois é raro exigirmos mais uns dos outros.

Toda a perturbação por causa de Kossuth[6], vede como era superficial — nada mais que outra sorte de política ou dança. De todos os que para ele discursaram em todo o país, cada qual se limitou a exprimir o pensamento ou a ausência de pensamento da multidão. Não havia ali fundamentos de verdade. Constituíam um simples rebanho, apoiados uns aos outros e todos apoiados em nada, como a concepção hindu do mundo sustentado por um elefante, por sua vez apoiado sobre uma tartaruga que repousava sobre uma serpente: mas não havia nada que sustentasse a serpente. Depois

---

[6] Kossuth Lajos (1802-1894), revolucionário húngaro.

de tudo, restou-nos apenas o chapéu de Kossuth.

Também a nossa conversação é, quase sempre, inconsequente e vazia, um jogo de superficialidades. Quando se perde o sentido íntimo e profundo da nossa vida, a conversação não passa de vulgar bisbilhotice. É raro que alguém possa contar-nos algo mais que notícias lidas em jornais ou ouvidas algures, e a diferença entre nós e o nosso vizinho é que ele comprou o jornal, ou saiu de casa e nós não. Quanto mais se apaga a nossa vida interior, tanto mais frequentamos o correio. E o pobre diabo que exibe, felicíssimo, um grande número de cartas, orgulhoso da sua volumosa correspondência, por certo não tem há muito notícias de si próprio.

Por mim, acho de mais a leitura de um jornal por semana. Tentei fazê-lo recentemente e pareceu-me existir num mundo menos belo. O sol, as nuvens, a neve, as árvores, já não me diziam o mesmo. Não se pode servir a dois senhores: é necessário devotar cada dia à plena posse da riqueza de um dia.

Creio que é possível que nos envergonhemos do que lemos e ouvimos diàriamente. Porque têm as notícias de ser

tão corriqueiras, e tão reles tais resultados dos sonhos e esperanças de cada indivíduo? O que nos contam como novidade é, comummente, para o nosso espírito, a mais chata das repetições. Porquê tanto espanto só porque se encontrou na rua Hobbis, oficial do Registo de Títulos, transcorridos vinte e cinco anos? São assim as novidades diárias: flutuam na atmosfera, como esporos, até que encontram qualquer esquecido recanto do nosso espírito onde se fixam, e ali vivem parasitàriamente. Lavemo-nos de tais novidades. Que importância teria para mim a explosão do nosso planeta? Não nos preocupamos com tais acontecimentos quando estamos sãos. A existência não é um divertimento ocioso. Eu não daria um passo para ver o mundo ir pelos ares.

Talvez tenhais desprezado os jornais e as novidades, sem disso tomardes consciência, ao longo do Verão e do Outono, e agora chegais à conclusão de que tal sucedeu porque, para vós, a manhã e a tarde estavam repletas de novidades. Os vossos passeios encheram-se de acontecimentos. Não vos preocupastes com os assuntos da Europa mas com os vossos, nos campos de Massachusetts. Se vos movimentais na estreita faixa de existên-

cia onde evoluem os acontecimentos que originam as notícias — faixa mais frágil que o papel onde se imprimem —, então tais coisas preencherão o vosso mundo; mas se planais muito acima, ou mergulhais muito abaixo, não vos recordareis delas nem por elas sereis lembrados. Não é necessário mais que ver o Sol nascer, ou pôr-se, todos os dias, comparticipando assim dum facto universal, para que a nossa mente se conserve sã. Nações! Que são nações? Tártaros, Hunos e Chineses! Zumbem como insectos e os historiadores tentam, improficuamente, torná-los dignos da História. É a falta de um homem que provoca a existência de tantos indivíduos que enxameiam pelo mundo. Mas um homem que pense pode dizer, com o espírito de Lodin:

«Olho as nações, das alturas que habito,
E vejo-as em cinza convertidas;
Tranquilo é o meu lugar no meio das nuvens
E belo o vasto campo onde repouso.»

Por Deus!, deixemos de viver como se fôssemos, à maneira esquimó, puxados por cães que mùtuamente se mordem as orelhas.

Muitas vezes estive a ponto de permitir à minha mente que se ocupasse de

assuntos triviais — as notícias da rua —, e não posso recordar tal perigo sem um estremecimento. Espanto-me ao verificar como fàcilmente os homens atravancam o espírito com lixo desse tipo, permitindo que frivolidades de toda a ordem e acontecimentos insignificantes ocupem lugares que deviam ser sagrados para o pensamento. O espírito não é uma praça pública onde os principais temas de discussão tenham por força de ser os assuntos da rua e a tagarelice da mesa de chá. Deveria antes ser um quadrante celeste, um templo hipetro[7] dedicado ao culto dos deuses. Já me é tão difícil dar boa conta dos assuntos que considero importantes que hesito em fatigar a atenção com outros de menor monta como são, na maioria dos casos, as notícias de jornal e a conversação. É necessário, a esse respeito, preservar a castidade do espírito. Imagine-se a admissão no nosso pensamento de um caso de tribunal criminal com todos os seus pormenores. Preocupamo-nos com ele durante uma ou várias horas, convertendo em sala de botequim o mais íntimo da nossa mente,

[7] Templo grego cuja parte central era descoberta.

como se, ao longo de todo esse tempo, a rua com o seu pó, com o seu esterco e o seu movimento preenchesse o lugar dos nossos pensamentos. E eis o exemplo dum autêntico suicídio intelectual e moral. Sempre que tive de ficar sentado numa sala de tribunal durante algumas horas, como espectador e ouvinte, vendo alguns que nem sequer tinham de estar ali entrarem nas pontas dos pés, sorrateiramente, mãos e caras lavadas, parecia-me que ao tirarem os chapéus as suas orelhas cresciam de súbito até se transformarem em enormes pavilhões ou funis, entre os quais se perdiam as suas ínfimas cabeças. Não passavam de velas de moinhos de vento, captando aquela retumbante e frívola sonoridade que entrava, rodopiando hesitante nos seus cérebros tacanhos até sair pelo outro lado. Gostaria de saber se, ao regressarem a casa, iriam lavar os ouvidos com o mesmo escrúpulo com que haviam lavado as mãos e o rosto. A certa altura parecia-me existirem ali sòmente criminosos — ouvintes, testemunhas, júri, advogados e réu — e não seria de surpreender que um raio caísse do céu e os fulminasse a todos.

Servi-vos de todas as artimanhas,

ameaçai com os mais pesados castigos da lei divina, mas expulsai todos os intrusos dos lugares para vós sagrados. É difícil esquecer o mal tanto quanto é inútil recordá-lo. Se devo ser via de comunicação, então que passem por mim os arroios da montanha, os regatos do Parnaso, mas nunca os esgotos da cidade. Ao ouvido do espírito atento chegam as inspiradas palavras celestes e também as revelações profanas e viciadas das salas dos botequins e dos tribunais da polícia. Ambas as mensagens caem no mesmo ouvido. Ao carácter do ouvinte cabe escolher qual será recebida e qual será rejeitada. A continuada atenção às coisas triviais torna-se um hábito que acaba por profanar o espírito, impregnando os nossos pensamentos de superficialidade. O nosso intelecto tornar-se-á estrada para passagem das rodas de todas as viagens; e a pavimentação mais firme, mais durável e resistente que lajes, paralelepípedos e asfalto, é a que se pode encontrar em alguns espíritos que foram submetidos durante algum tempo a um tal tratamento.

Se perdemos a tal ponto o sentido do sagrado — e quem o não perdeu? —, resta-nos retomá-lo com cuidadosa dedicação; até que a mente seja de novo um

templo. Tratemos o nosso espírito como uma criança inocente deixada à nossa guarda, escolhendo cuidadosamente os objectos e assuntos que lhe oferecemos como alimento. Não devemos ler Templos: leiamos Eternidades. Em última análise, são tão prejudiciais os convencionalismos quanto as impurezas. A própria ciência pode obscurecer o espírito com a sua secura, a não ser que a fertilize o orvalho da verdade fresca e viva. O conhecimento não é fruto de laboriosos pormenores: vem até nós em relâmpagos de luz celeste. Cada pensamento que atravessa a mente ajuda a desgastá-la, vinca-lhe sulcos que denotam o uso, como os sulcos profundos nas ruas de Pompeios. Quantas vezes poderíamos interrogar-nos sobre o valor de determinados conhecimentos! Talvez fosse melhor deixá-los atravessar, a passo lento ou em vivo trote, a magnífica ponte pela qual podemos esperar passar, alguma vez, da mais remota margem do tempo às mais próximas praias da eternidade. Que espécie de cultura e subtileza são as nossas? Nada mais temos, então, que a habilidade precisa para viver grosseiramente e servir o Diabo; para almejar riquezas, fama, liberdade e disso fazermos falsa

exibição, como se fôssemos uma concha vazia, uma casca sem algo de tenro e vivo? Terão de ser as nossas instituições semelhantes a certos ouriços de castanhas cuja função se resume em picar e só contêm frutos abortivos?

Diz-se que nos Estados Unidos ocorrerá a batalha da liberdade; não queremos contudo aceitar que se trate de liberdade num sentido estritamente político. Ainda que se liberte da tirania política, o Norte-Americano continua escravo da tirania económica e moral. A república — a *res publica* — foi já instaurada; é altura de se pensar na *res privata* — a vida privada — e de cuidar, como o Senado romano determinava aos cônsules «*ne quid res PRIVATA detrimenti caperet*», que ela não sofra prejuízos.

Chamamos a esta a terra da liberdade, mas de nada nos vale livrarmo-nos do rei Jorge[8] para continuarmos vassalos do rei Preconceito. Para se viver sem liberdade é inútil nascer-se livre. E o valor da liberdade política é nulo se aquela não for um meio para a liberdade moral. Afinal orgulhamo-nos de ser livres,

[8] Jorge III de Inglaterra, durante o reinado do qual se deu a independência dos E. U. A.

ou orgulhamo-nos de ser escravos? Não passamos duma nação de políticos empenhados até ao extremo na defesa da liberdade, mas talvez só os filhos dos nossos filhos venham a poder realmente ser livres. O tributo que nos impomos é injusto porque uma parte de nós não está representada. Alojamos dentro de nós toda a espécie de tropas, gado e imbecis. Alojamos nas nossas pobres almas os corpos obesos, até que estes lhes devorem a substância.

A respeito de cultura e humanidade verdadeiras, somos ainda estruturalmente provincianos e incivilizados — vulgares Jonathans[9]. E o nosso provincianismo é toda esta ausência de padrões próprios, é a nossa veneração não pela verdade, mas pelo seu reflexo, e continuamos deformados, preocupados em exclusivo com negócios, com o comércio, com a indústria, etc., quando tais coisas só podem constituir um meio e nunca um fim.

Igualmente provinciano é o Parlamento inglês. Os seus representantes não passam de labregos que como tais se de-

[9] Jonathan, nome bíblico muito frequente entre os primeiros colonos puritanos dos E. U. A.

nunciam tão depressa lhes surja pela frente qualquer problema grave como a questão irlandesa, ou, mesmo, porque não dizê-lo, a questão inglesa. Subordinados ao esquema em que funcionam, a sua «boa educação» não vai além de factor secundário. De facto, as maneiras mais elegantes, os mundanismos mais requintados, não são mais que fatuidade e grosseria, ante uma inteligência superior. Apenas conseguem lembrar modas ultrapassadas, ademanes de corte, sapatos de fivela e calções justos que há muito se não usam. A continuada perda de carácter que sofrem as maneiras é um defeito e não uma virtude: roupas e cascas postas de lado a pretenderem o respeito que era devido à criatura viva. E o facto de a maior parte das conchas valerem mais que os peixes que as habitavam não justifica que nos mostrem cascas em lugar de carne. O homem que me impõe os seus maneirismos limita-se a pretender mostrar-me a sua colecção de curiosidades, sem perceber que era ele próprio que me interessava conhecer. Não foi nesse sentido que Decker[10] chamou a Cristo «o

[10] Thomas Decker, ou Dekker (1570-1641), dramaturgo e panfletário inglês.

primeiro cavalheiro de verdade que existiu»; pois repito que a mais fina-flor da Cristandade é, a tal respeito, perfeitamente provinciana. Pode deliberar com autoridade sobre os interesses transalpinos, mas não acerca das questões de Roma. Qualquer pretor ou procônsul resolveria fàcilmente os problemas que preocupam o Parlamento inglês e o Congresso norte-americano.

Pensei que governo e legislação fossem profissões respeitáveis. A História fala-nos de Numas, Licurgos e Sólons, seres quase divinos, cujos *nomes*, pelo menos, podem tomar-se como exemplo de legisladores ideais. Mas quando se decretam leis que *regulamentam* a criação de escravos ou a exportação de tabaco, é-se forçado a pensar que os legisladores divinos nada têm que ver com problemas dessa ordem. Como os humanos nada têm que ver com a criação de escravos. Se tal questão fosse posta a qualquer filho de Deus, porque Ele tem filhos no século XIX — ou tratar-se-á duma família extinta? —, que sucederia novamente? Que poderá dizer em seu abono, no último dia, um Estado como o de Virgínia, onde escravos e tabaco foram as mais importantes produções? Estes dados fo-

ram-me fornecidos por quadros estatísticos que os próprios Estados fizeram publicar.

Que dizer dum comércio que sulca todos os mares em busca de nozes e passas e que, para o conseguir, escraviza os seus marinheiros? Há tempos vi um barco naufragado: o carregamento de trapos, bagas de zimbro e amêndoas amargas encontrava-se disperso pela praia, e muitas vidas se perderam. Não me pareceu que por amêndoas e bagas valesse a pena arrostar com tal risco entre Liorne e Nova Iorque. Os Estados Unidos procuram no velho mundo os seus produtos amargos, como se o naufrágio e a salmoura do oceano o não fossem suficientemente. Mas é esse, em grande parte, o nosso tão falado comércio. E mesmo estadistas e filósofos são de tal modo cegos que crêem estar o progresso e a civilização dependentes de tal actividade — a actividade das moscas em torno do mel que as mata. Alguém fez notar que tal situação seria óptima se os homens fossem ostras. Eu acrescento que seria óptima se fossem mosquitos.

O tenente Herndon, tendo sido encarregado pelo nosso governo de explorar o Amazonas a fim de aumentar, ao que se

diz, o contingente de escravos, notou que faltava ali «uma população empreendedora e activa, cujas carências artificiais a estimulassem a explorar as riquezas da região». Mas não creio que devam ser encorajadas «carências artificiais» como o luxo, o tabaco e os escravos da sua natal Virgínia; nem o gelo, o granito ou qualquer outra riqueza material da nossa Nova Inglaterra; «as grandes riquezas de um país» não são a fertilidade ou a aridez do solo. Em todos os Estados que visitei, a principal carência era uma vontade firme e superior. Só essa pode extrair da Natureza as suas «grandes riquezas». É quando precisamos mais de cultura que de batatas e mais de iluminação que de bombons que as grandes riquezas do mundo são extraídas, e o resultado não se converte numa importante produção de escravos ou operários, mas de homens — desses frutos raros chamados heróis, santos, poetas, filósofos e redentores.

Quando se dá na atmosfera um grande abaixamento de temperatura, forma-se um nevão; quando há um grande abaixamento da verdade, surge uma instituição. Não obstante, o vento da verdade sacode-a e, por fim, atira-a por terra.

Aquilo a que se chama política constitui actividade tão superficial e inumana que sempre me recusei a ter com ela quaisquer contactos. As colunas que alguns jornais dedicam à política e ao governo são, pode dizer-se, a única coisa que a redime; porém, eu amo a literatura e, de certo modo, também a verdade, pelo que nunca leio tais colunas. Não quero embotar a tal ponto a minha sensibilidade. Ninguém me pode acusar de ter lido uma única Mensagem Presidencial. É um mundo bem estranho, este, em que impérios, reinos e repúblicas vêm queixar-se à porta do homem privado e pedir-lhe a sua esmola! Em qualquer jornal que leia, depara-se-me sempre o espectáculo de qualquer governo moribundo que me implora, a mim, leitor, o voto de que necessita. É mais importuno que um mendigo italiano, e se eu estiver disposto a perder tempo com a sua história, talvez redigida pelo escriturário de algum comerciante benévolo, ou pelo capitão do navio que o trouxe, visto não saber uma palavra de inglês, encontrarei qualquer verdadeira ou inventada erupção dum Vesúvio, ou inundação de algum Pó, responsáveis pela situação precária em que se encontra. Não tenho

dúvidas, em casos tais, em indicar-lhe qualquer trabalho ou um asilo de pobres. Mas porque não guarda simplesmente silêncio, como eu faço tantas vezes? O pobre Presidente quer conservar a sua popularidade e cumprir o seu dever, e encontra-se totalmente desorientado. A imprensa é o grande poder: qualquer outro governo independente conta apenas com uns escassos fuzileiros navais no Forte Independence. Mas se um homem esquecer a leitura do *Daily Times*, o governo arrastar-se-á perante ele de joelhos, já que não há outra traição nos tempos presentes.

É verdade que a política e a rotina diária são factores vitais na sociedade humana; acontece apenas que deviam processar-se inconscientemente, como as funções orgânicas. Tal como as conheço, são *infra*-humanas, uma espécie de vegetação. Assim como um homem, em estado mórbido, pode tornar-se consciente do processo da digestão e sofrer de dispepsia, assim eu tenho, por vezes, a semiconsciência de que cirandam à minha volta. É como se um pensador fosse digerido pela grande moela da criação. Ora os políticos são, digamos, a moela da sociedade, repleta de saibro e de cascalho,

e os dois partidos são as suas duas metades opostas que, por vezes, se dividem em quatro triturando-se mùtuamente. Não só, portanto, os indivíduos mas também os Estados sofrem de uma evidente dispepsia que se manifesta bem sabeis de que modo. A nossa vida não é, assim, um completo esquecimento mas também, em grande parte, a recordação daquilo para que, pelo menos enquanto despertos, nunca devíamos ter estado conscientes. Ah!, porque não nos encontramos algumas vezes, não como dispépticos para nos lamentarmos mùtuamente, mas como *eu*pépticos, congratulando-nos com a magnífica manhã? Não é um pedido de todo exorbitante, creio, este que faço.

COMPOSTO E IMPRESSO EM
FEVEREIRO DE 1972 NA TIPOGRAFIA
ANTÓNIO COELHO DIAS, LDA.
RUA CONDE DAS ANTAS, 48-A
TELEFONE 65 37 50 — LISBOA

Não é uma Sociologia. Tampouco uma filosofia política. Mas Thoreau põe em causa a problemática do homem em situação, política, económica e social. A originalidade da sua perspectiva é o encarecimento do homem como ser permanentemente adiado pelos sistemas que são as diversificações técnicas do mesmo princípio de poder que permanentemente vem abortando a liberdade inacta do homem. Escrita no século passado a obra de Thoreau oferece-nos a dimensão de um novo humanismo que, emergentemente responde às interrogações do homem actual angustiado pela inflação das ideologias repartidas pelas diferentes formas do poder.

A Desobediência Civil e *A Vida sem Princípio* são a bíblia pacifista de uma liberdade individual que conduz à liberdade do homem colectivo.